

21 JUN 1986

Os partidos e a Constituinte

Assembleia

CORREIO BRAZILIENSE

ALUIZIO NAPOLEÃO

21 JUN 1986

Acompanho, como filho e pai de político, sem nunca ter desejado seguir a carreira, a vida política brasileira, desde a infância, há sessenta anos. A estabilidade dos partidos políticos nacionais, que caracterizou a vida pública no Império, com a oscilação, no poder, dos conservadores e liberais, sob a atenta observação do poder moderador de D. Pedro II, esvaeceu-se no período republicano desde o alvorecer no novo regime. Durante o período dos Presidentes da República Velha, com os Chefes da Nação impregnados da vida política imperial e com as gerações que se sucederam, passou o Brasil a viver, do ponto de vista partidário, com uma relativa estabilidade, somente perturbada por algumas rebeliões militares.

Os partidos republicanos foram, igualmente, contestados pelo civilismo de alguns próceres de importância, como Ruy Barbosa. Com a tendência para a hipertrofia do Poder Executivo, porém, as rebeliões políticas e militares foram-se avolumando, desde 1922, com o episódio da revolta dos 18 do Forte, que desaguará numa verdadeira revolução nacional, com a reação política da Aliança Liberal, que culminou na Revolução de 1930, vitoriosa quando seu chefe, Getúlio Vargas, chegou triunfante ao Rio de Janeiro, após a intervenção pacificadora da Junta militar que depôs o presidente Washington Luiz, que deixou o Palácio Guanabara na companhia do Cardeal D. Sebastião Leme, sendo levado, preso, para o Forte Copacabana, de onde saiu para um exílio no exterior de longos anos, durante o qual se portou condignamente, com grande postura, silenciando sobre os aconte-

cimentos do País até seu regresso ao Brasil.

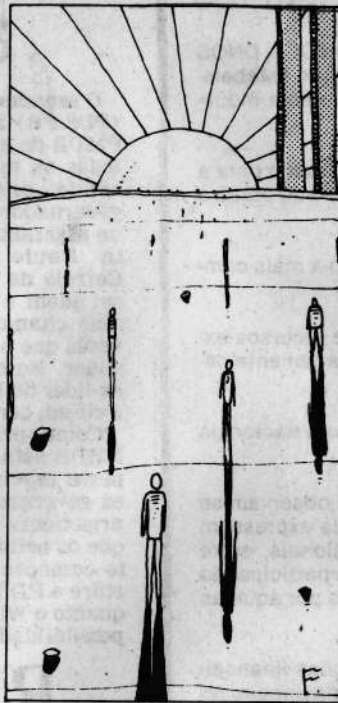
Desde, pois, os primeiros anos da República, quando o Marechal Deodoro da Fonseca renunciou ao cargo de Chefe de uma revolução que mudara o regime passando o governo ao Vice-Presidente Floriano Peixoto, que o País viveu sempre, com alguns anos tranquilos, em efervescência política, ao sabor dos ventos do regime republicano, centralizado na figura do Presidente da República, como um maestro seguro que regia a orquestra política nacional com autoridade e, às vezes, com autoritarismo.

Essa primeira fase republicana, com o temperamento irrequieto do brasileiro, agitaria, por vezes, a política nacional, polarizada nos partidos do governo e da oposição, fazendo com que a vida dos estados seguisse o mesmo diapasão no regime federativo instaurado, mas ainda sob a influência da centralização imperial.

Após a Revolução de 1930, o barco republicano iria navegar em águas movediças, voltando, com a implantação do Estado Novo, à centralização imperial, desaparecidas as autonomias estaduais com a queima simbólica, pelo presidente Getúlio Vargas, das bandeiras estaduais.

O conflito entre as tendências da esquerda e da direita em todo o mundo contaminava os povos e penetrou na vida política nacional. Foram abolidos os partidos políticos que se formavam, sob a égide dos movimentos comunistas e fascistas, com os democratas imprensados entre as duas tendências extremistas.

Restabelecido o sistema democrático, com a inter-



venção das Forças Armadas, que depuseram o presidente Getúlio Vargas, a Nação entrou novamente no regime das urnas, com a formação de partidos que revelavam as tendências políticas do eleitorado, tendo, no governo democrático do presidente Juscelino Kubitschek, alcançado a plenitude da liberdade, quando foi eleito seu adversário político Jânio Quadros. Essas tendências se revelavam em três partidos — a União Democrática Nacional, o Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro, para só mencionar as principais agremiações.

Com o advento, porém, do movimento de 1964 e a implantação do regime militarista, foram dissolvidos os partidos políticos já sedimentados e cassados os direitos políticos de muitos de seus líderes, pelo presidente

Castello Branco, seguindo-se a formação artificial de dois partidos fortes, que abrigaram, indiferentemente, os partidários de várias tendências em seu seio desfazendo-se o processo saudável que caracterizou a formação das já tradicionais formações políticas nacionais. Embaralhou-se assim, a vida política do País, em ambiente de democracia artificial, permitida sob a vigilância dos chefes militares, que se sucederam no poder até a vitória do movimento cívico da Aliança Democrática, que empolgou a Nação toda, sob a inspiração de Tancredo Neves.

Estamos vivendo, assim, os primeiros momentos de uma fase democrática na Nova República, com todos os percalços e dificuldades, ao serem reabertas as comportas da liberdade, o que provocou a enxurrada das tendências partidárias. Ninguém deve admirar-se que assim tenha sido, pois as águas procuram seus leitos naturais, de acordo com as tendências políticas dos intérpretes das aspirações populares, formando os rios que desaguarão no oceano amplo da democracia, que será estabelecida através da Lei Magna, após a convocação da Assembleia Nacional Constituinte pelo presidente José Sarney.

Ninguém deve nem pode acusar ninguém pelo fato de procurar suas tendências políticas, após tantos anos de embaralhamento, de confusão geral, como naquele momento de Machado de Assis, em seu romance *Dom Casmurro*. O Brasil procura seus rumos e todos devem tolerar todos nessa procura, pois estamos na alvorada da liberdade, no limiar da democracia, em que todos têm o direito de manifestar, à luz do sol, as suas aspirações políticas.